

Sarney adverte os pessimistas

E reparte seus elogios entre dois candidatos: Aureliano e Quércia

MARILENA DÊGELO
Enviada Especial

Ibiúna (SP) — O presidente José Sarney não escondeu ontem o seu mau humor durante visita ao sistema de transmissão de Furnas, no município de Ibiúna, em São Paulo. Não quis falar sobre política com a imprensa, ficou com o rosto tenso enquanto ouvia os discursos do presidente de Furnas, Camilo Penna, do ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, e do governador Orestes Quércia. E quando falou de improviso fez duas advertências: aos constituintes quanto à reforma tributária e aos pessimistas que em vez de "se dedicar aos interesses nacionais, se dedicam aos problemas pessoais".

Mas encerrou o seu discurso com elogios ao trabalho de Aureliano Chaves — provável candidato do PFL à Presidência da República —, "que tem sido peça fundamental" e de Quércia — eventual candidato não declarado do PMDB à sua sucessão —, ressaltando "o grande dinamismo e a grande vontade, que está cumprindo, para fazer um grande governo à frente desse grande Estado". Ao lado dele no palanque, além do Governador e do ministro, só estavam o prefeito de Ibiúna, José Vicente Falci (Zezito), o deputado federal Theodoro Mendes e o estadual Tônico Ramos, todos do PMDB.

Devido, talvez, à ausência de grande número de políticos que sempre o acompanhavam nessas visitas, Sarney fez um discurso bastante curto, sem tom energético e exaltado. "Eu faço aqui uma advertência para que todos pensemos nos trabalhos da Constituinte sobre a distribuição de renda, porque se a União não dispuser de rendas necessárias para investir nos setores fundamentais, como energia e transportes, certamente o País vai entrar no sistema que entrou no fim dos anos 50 (o correto seria 60), em que o Estado perdeu a sua capacidade de investimentos e ficou sem transportes, sem comunicações, com racionamento de energia e telefones silenciosos" — destacou.

Com a mesma ênfase prosseguiu: "Nós não podemos ficar ouvindo dia e noite as vozes de protestos e pessimismo daqueles que, em vez de olhar para os interesses nacionais, se dedicam aos problemas pessoais. Eu estou aqui para cumprir o meu dever, firmemente, mas com grande determinação". Ainda numa referência indireta às articulações dos peemedebistas históricos, afirmou: "Quero aqui dizer que quando nós brasileiros inauguramos uma obra como essa, ninguém tem o direito de duvidar sobre o Brasil. Ninguém tem o direito de pensar que nós vamos nos truncar nos caminhos, nos desvios de uma Nação que não pode deixar de ocupar o seu lugar, e não vai deixar, porque tem o seu direito, o seu destino, no mundo".

Ao se referir à obra que inaugurava, Sarney cometeu um erro indigno de um imortal da Academia Brasileira de Letras: "Esta é a mais maior em tamanho". Imediatamente, corrigiu: "É a maior em tamanho". Mas era tarde: o equívoco já havia causado espanto a todos os presentes ao palanque, inclusive à sua mulher Marly.

O governador Orestes Quércia, que defende a manutenção do texto do artigo

da reforma tributária aprovado pela Comissão de Sistematização — beneficiando mais os Municípios e os Estados —, também não poupou elogios ao presidente José Sarney em seu breve discurso de improviso. No programa oficial da assessoria da Presidência, aliás, não constava o pronunciamento de Quércia. Depois de ouvir o ministro Aureliano, o Governador enfatizou a necessidade do País crescer com justiça social, investindo para exportar: "Saúdo o Presidente na certeza de que o seu Governo tem feito um esforço extraordinário nesse sentido".

O Presidente falou três vezes com a imprensa: a primeira após visitar as principais salas de controle do sistema de transmissão de corrente contínua de Ibiúna, onde chegou às 11h — com quase meia hora de atraso (devido ao mau tempo ele utilizou ônibus em vez de helicóptero para se deslocar do aeroporto de Congonhas até Ibiúna); depois de encerrada a cerimônia de inauguração do sistema e pouco antes de embarcar no helicóptero que o levou até o aeroporto de Congonhas para retornar a Brasília. Em todas as entrevistas respondeu evasivamente às perguntas sobre política, falando mais sobre a obra de Furnas.

— "É uma obra extraordinária, responsável pela metade da energia que se consome na Grande São Paulo — 6,5 milhões de kW. É a maior estação conversora e distribuidora do mundo. É uma obra que já consta do orçamento — custou 1,5 bilhão de dólares".

Ao ser questionado sobre a duração de seu mandato, disse que esse é um assunto que não deseja discutir, nem abordar "e minha posição é conhecida por todos". Quando perguntaram a respeito da opinião do ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, sobre as eleições gerais, cerrou os lábios e nada respondeu.

O ministro Aureliano Chaves também não estava disposto a falar sobre política. Não quis comentar sobre a cogitada dobradinha dele com o empresário Antônio Ermirio de Moraes, se o PFL fizer coligação com o PTB, para a sucessão presidencial: "Não tenho nenhum comentário a fazer. Agora temos que nos concentrar na votação da nova Constituição". A respeito da declaração de Quércia de que o candidato do PMDB deve contar com o apoio de Sarney, ele não quis falar se o correto seria o Presidente apoiar o candidato do PFL: "Por que vocês não perguntam isso para ele?"

O QUE É

A estação conversora e as linhas de transmissão em corrente contínua da hidrelétrica de Itaipu em Ibiúna, a 60 quilômetros de São Paulo e inauguradas ontem pelo presidente Sarney, vão distribuir para as regiões Sul e Sudeste a eletricidade gerada em Foz do Iguaçu. Durante a solenidade o Presidente defendeu a elevação das tarifas de eletricidade como forma de gerar recursos para investimentos públicos na área de energia.

O sistema de transmissão e conversão inaugurado ontem, constituído pelas estações de Foz do Iguaçu e Ibiúna e por duas linhas de 800 quilômetros de extensão, é o de mais alta tensão em operação e potência transmitida em todo o mundo.

Planalto aposta no desgaste do PMDB

O presidente José Sarney está consciente do crescimento da mobilização popular em favor das eleições para a Presidência da República em novembro próximo. Mas acredita — com base em estudos feitos pela sua assessoria política — que o PMDB, no final das contas — vai fechar com os cinco anos para o seu mandato. Simplesmente, porque sabe que no quadro atual, com uma inflação de 365% ao ano, partido que é identificado com o Governo — sairia derrotado num embate nas urnas.

A informação é do titular da Secaf — Secretaria de Comunicação da Administração Federal — Getúlio Bittencourt. Para reforçar a posição do Palácio do Planalto em relação às eleições presidenciais, ele tomou o exemplo do governador Orestes Quércia, que considerou o melhor candidato do PMDB à sucessão presidencial. Segundo revelou, uma pesquisa feita pela LPM — por encomenda do Governo — indica que numa eleição hoje, o ex-governador Leonel Brizola seria imbatível no Rio de Janeiro e em São Paulo: ele obteve 33% da preferência dos eleitores entrevistados, enquanto Orestes Quércia o segundo colocado conseguiu apenas 17% dos votos.

O secretário informou ainda os resultados de uma outra pesquisa realizada pela empresa Vox Populi, em 100 cidades do interior brasileiro, com mais de 100 mil habitantes, que apresentou o seguinte resultado: Quércia ganharia a eleição com 14% dos votos. Em segundo lugar ficaria o empresário Antônio Ermirio de Moraes, com 13% da preferência, enquanto que Brizola — na terceira colocação — obteria 11% dos votos.

— "Isto demonstra que mesmo com o terceiro lugar, de acordo com o eleitorado conservador, Brizola ganharia a eleição para a Presidência uma vez que conta com a esmagadora maioria dos principais eleitorados. Rio e São Paulo — concluiu Bittencourt.

Durante a entrevista, o secretário fez uma análise para explicar a reação popular contrária ao governo Sarney. Segundo entende, ela é resultado, fundamentalmente, das dificuldades administrativas que o Presidente vem enfrentando em consequência dos superpoderes da Constituinte. "Ninguém pode desconhecer que a estagnação em que o Governo está envolvido é consequência direta dos superpoderes da Constituinte" — concluiu Bittencourt.